



## **COMANDO DE PREPARO**

### **ORDEM DO DIA ALUSIVA AO DIA DA AVIAÇÃO DE RECONHECIMENTO**

Brasília, 24 de junho de 2025

“Conhecer para reconhecer”. Mais do que um jogo de palavras, essa expressão sintetiza uma verdade imutável nos campos de batalha ao longo da história: o conhecimento é o maior diferencial entre o sucesso e o fracasso. Em tempos de guerra, é ele que antecipa movimentos e preserva vidas; em tempos de paz, é o que permite a vigilância permanente do território e a proteção da soberania. Em ambas as situações, a Aviação de Reconhecimento tem sido protagonista silenciosa e determinante.

A trajetória da Aviação de Reconhecimento remonta à Guerra do Paraguai, quando, em 1867, o então Marquês de Caxias empregou balões cativos para observar o campo de batalha, numa época em que a ausência de elevações naturais dificultava a obtenção de dados sobre as posições inimigas. Essa solução criativa traduziu-se na aplicação prática do conceito da “Colina do Comandante”, representando um salto de percepção na arte de fazer guerra e simbolizando o início da busca sistemática por superioridade informacional nos combates.

Com o avanço da aviação militar, especialmente durante as duas Guerras Mundiais, o uso de aeronaves para fins de reconhecimento se tornou um vetor indispensável para o planejamento de operações. No Brasil, esse legado começou a ser institucionalizado com a criação do Esquadrão Poker (1º/10º GAV), em 1947, seguido pelo Esquadrão Carcará (1º/6º GAV), que operou a lendária aeronave B-17. A consolidação do segmento veio com a ativação do Esquadrão Guardiã (2º/6º GAV) em 1999, responsável

por operar as sofisticadas plataformas E/R-99 no âmbito do Sistema de Vigilância da Amazônia (SIVAM/SIPAM).

Em constante evolução, a Força Aérea ingressou de forma decisiva na era digital e autônoma com o Esquadrão Hórus (1º/12º GAV), dotado de Sistemas Aéreos Remotamente Pilotados, e deu logo em seguida início a uma nova etapa ao incorporar sensores espaciais por meio dos satélites, expandindo o conceito de reconhecimento para além da atmosfera terrestre.

A Aviação de Reconhecimento ocupa um lugar estratégico no conceito de emprego do Poder Aeroespacial. Sua principal virtude está na capacidade de transformar dados brutos em conhecimento útil e oportuno para o processo decisório. Em tempos modernos, a informação é uma arma de valor equivalente — e, por vezes, superior — ao próprio poder de fogo. Planejar uma missão sem dados de inteligência é lançar forças ao desconhecido; já uma operação conduzida com base em informações precisas aumenta exponencialmente as chances de êxito.

Nesse contexto, a Força Aérea Brasileira incorporou a doutrina de Inteligência, Vigilância e Reconhecimento (IVR), que extrapola os limites dos esquadrões tradicionalmente dedicados ao reconhecimento e se estende a plataformas como o P-3, o P-95 e, em breve, os modernos vetores F-39 Gripen e KC-390. A interoperabilidade entre meios distintos, a capacidade de integrar sensores e operadores de diferentes origens, e o foco em entregar conhecimento confiável em tempo hábil transformam o IVR em uma ferramenta essencial para a atuação militar no século XXI.

A relevância dessa Aviação, contudo, não se limita à técnica. Ela se sustenta, sobretudo, no profissionalismo e na dedicação de seus integrantes. Pilotos, operadores de sistemas, analistas de imagens e demais especialistas, todos trabalham de forma discreta, mas decisiva, para garantir que a Força Aérea possa agir com

precisão e segurança. Sem eles, não há sensor que baste, nem plataforma que cumpra seu papel.

O escopo de atuação da Aviação de Reconhecimento se expandiu notavelmente nos últimos anos, demonstrando flexibilidade e valor em múltiplos cenários. Em ambientes hostis ou remotos, seus meios têm garantido a coleta de dados estratégicos fundamentais para o sucesso de ações militares e de interesse nacional. Atividades como o Exercício Operacional IVR e as Operações Ágata, ZIDA 41 e Catrimani, comprovam seu papel na preparação e condução de campanhas de combate, tanto no apoio direto às tropas quanto na fiscalização de fronteiras e proteção de áreas sensíveis.

O futuro se apresenta desafiador, mas também repleto de oportunidades. A evolução tecnológica continuará a exigir adaptação constante, novos conhecimentos e interoperabilidade entre domínios aéreo, espacial e cibernético. Entretanto, se o reconhecimento é uma ponte entre a incerteza e a ação, os profissionais que hoje integram essa Aviação são os verdadeiros pilares dessa travessia.

Parabéns a todos os integrantes da Aviação de Reconhecimento, que seguem sendo “Da Pátria, os olhos, na guerra e na paz”. Que o legado de nossos antecessores inspire as futuras gerações a manterem viva essa nobre missão, sustentada pela busca incessante da verdade, pelo domínio da informação e pela prontidão diante dos desafios do nosso tempo.

Somos e sempre seremos os “primeiros e os últimos no campo de batalha”.

Tenente-Brigadeiro do Ar Raimundo **Nogueira** Lopes Neto  
Comandante de Preparo